Manly Hall
ANATOMIA OCULTA
The Occult Anatomy of Man

BIBLIOTECA UPASIKA

www.upasika.com
Coleção “Manly Hall”
Manly Hall – Anatomia Oculta
(Traduzido do Espanhol por Milta L.Torriani)

ÍNDICE

PARTE I

O SIMBOLISMO DO CORPO HUMANO

Na Escritura nos diz que Deus fez ao homem a sua própria imagem e semelhança. Assim foi declarado não somente na Bíblia Cristã, mas também na maioria dos escritos sagrados dos seres iluminados. Os patriarcas judeus ensinaram que o corpo humano é o microcosmos, ou pequeno cosmos, feito à semelhança do macrocosmos, ou grande cosmos. Esta analogia entre o finito e o infinito se tem dito que é uma das chaves pela qual se podem revelar os segredos da Sagrada Escritura. Não há nenhuma dúvida que o Velho Testamento é um livro de texto fisiológico e anatômico para aqueles que são capazes de lê-lo de um ponto de vista científico. As funções do corpo humano, os atributos da mente e as qualidades da alma humana, foram personificados pelos sábios da antiguidade e um entrelaçamento entre os mesmos foi elaborado. A raça humana deve a Hermes o semideus egípcio o conceito sobre a lei de analogia, ou seja, o grande axioma hermético que foi: "Assim como é em cima é embaixo; assim como é embaixo é em cima."

Todas as religiões antigas estavam apoiadas no culto à Natureza que, de uma forma degenerada, sobreviveu até nossos dias como culto fálico. A adoração das partes e funções do corpo humano começou no último período Lemuriano. Durante a época Atlante esta religião deu lugar ao culto do sol, mas incorporando em suas doutrinas muitos dos rituais e símbolos da crença anterior. A construção dos templos na forma do corpo humano é um costume comum a todos os povos. O tabernáculo dos judeus, o grande templo egípcio de Karnak, as estruturas religiosas dos sacerdotes havaianos e as Igrejas cristãs dispostas em forma de cruz, são exemplos desta prática. Se o corpo humano for estendido sobre um destes edifícios com os braços abertos, dá para ver que o altar maior ocupa a mesma posição relativa ao cérebro no corpo humano.

Todos os sacerdotes da antiguidade conheciam anatomia. Aceitavam que todas as funções da Natureza eram reproduzidas no corpo humano. Portanto, consideravam o homem como um livro e ensinavam a seus discípulos que entender ao homem era compreender o universo. Aqueles sábios acreditavam que cada estrela no céu, cada elemento na terra e cada função na Natureza, estava representado no corpo humano por seu correspondente centro, polo ou atividade.

Esta correlação entre a Natureza e a formação interna do homem que estava oculta para as massas, constituía os ensinamentos secretos do antigo sacerdócio. A religião era considerada muito mais seriamente pelos atlantes e egípcios do que é em nossos dias. Era a vida mesma destes povos. Os sacerdotes tinham um controle total sobre milhões de ignorantes homens e mulheres, aos quais lhes tinha ensinado desde sua infância que estes patriarcas, com seus atavios e longas barbas, eram os mensageiros diretos de Deus; e se acreditava que toda desobediência ao ordenado pelos sacerdotes atrairia sobre a cabeça dos transgressores a cólera do Todo-poderoso. O templo dependia de seu apoio, baseado em sua secreta sabedoria, a qual dava aos sacerdotes controle sobre certos poderes da Natureza e os dotava de uma sabedoria e compreensão enormemente superior ao estado secular que eles controlavam.

Esses sábios compreenderam que na religião havia algo muito maior que o mero canto de mantras e hinos; eles compreenderam profundamente que o caminho da salvação só pode ser percorrido com êxito por aqueles que têm conhecimento prático e científico das funções ocultas de seus próprios corpos. O simbolismo anatômico que eles desenvolveram para perpetuar este conhecimento chegou até a cristandade moderna, mas, aparentemente, sua chave parece haver-se perdido. É uma tragédia para os religiosos o estar rodeados por centenas de símbolos que não podem compreender; mas, é mais triste ainda que eles tenham chegado a esquecer totalmente que estes símbolos têm outro significado que as tolas interpretações que eles a sua maneira tramaram.

A ideia predominante na mente dos cristãos de que sua crença é a única e verdadeira doutrina inspirada e que veio órfã ao mundo é extremamente irracional. Um estudo comparativo das religiões

prova, sem dúvidas, que a cristandade mendigou, pedindo emprestado ou se apropriou dos conceitos e filosofias dos tempos antigos e dos pagãos da idade Média. Entre os símbolos e alegorias religiosas que pertenciam ao mundo antes da aparição da cristandade, há alguns que nós desejamos submeter a sua atenção. Os seguintes conceitos e símbolos cristãos são de origem pagã:

A cruz cristã vem do Egito e da Índia; a mitra, do culto de Mitra; o cajado, dos Mistérios Herméticos e da Grécia; a imaculada concepção, da Índia; a transfiguração, da Pérsia; e a trindade, dos Brâmanes. A Virgem Maria, como a mãe de Avatara, encontra-se em uma dúzia de diferentes crenças. Há mais de vinte salvadores do mundo crucificados. O campanário da igreja é uma adaptação das pirâmides e obeliscos egípcios, e o diabo dos cristãos é o Tufão dos egípcios com algumas variantes. Quanto mais se aprofunda no problema, melhor se compreende que não há realmente nada novo sob o sol. Um sincero estudo da fé cristã demonstra claramente que é a evolução natural das doutrinas primitivas. Há uma evolução na religião assim como na forma física. Se aceitarmos e incorporarmos em nossas doutrinas o simbolismo religioso de aproximadamente quarenta povos, isto nos permitirá compreender (ao menos em parte) o significado dos mitos e alegorias que tomamos emprestado, e não sermos mais ignorantes do que aqueles pelos quais buscamos ajuda.

Este pequeno livro procura explicar o problema da relação que existe entre o simbolismo do antigo sacerdócio e as funções ocultas do corpo humano. Primeiro devemos compreender que se supõe que toda escritura sagrada está lacrada com sete selos. Em outras palavras, que se requerem sete interpretações completas para entender plenamente o significado das revelações filosóficas antigas, que nós preferimos chamar de Escritura Sagrada e que não se deve entender como algo histórico. Aqueles que interpretam seu significado literal, compreendem apenas a mínima parte dela.

É um fato bem conhecido que, por razões de índole dramática, Shakespeare juntou em suas obras caracteres de indivíduos que tinham vivido em épocas distintas separados por centenas de anos; mas Shakespeare não estava escrevendo história e sim drama. O mesmo ocorre com a Bíblia. A Escritura deixa os historiadores envoltos em desesperador desconcerto ao formular suas autocontraditórias tábuas cronológicas, nas quais a maioria deles ficarão esperando o dia do julgamento final. A Escritura brinda excelentes temas para debater e também é um terreno propício para as discussões sobre terminologia e localização de desconhecidas cidades. A maioria das cidades da Bíblia, hoje assinaladas nos guias, receberam seu nome centenas de anos após o nascimento de Cristo, por peregrinos que supunham haver ocupado lugares próximos aos mencionados na Bíblia. Tudo isto pode convencer a alguns, mas para o pensador é de uma evidência concludente que a história é o menos importante da Escritura.

Quando a imperatriz Helena, mãe de Constantino o Grande, visitou Jerusalém no ano 326, descobriu que não só tinha desaparecido todos os traços de cristandade mas também um templo dedicado à deusa Vênus sobre a colina hoje aceita como o Monte Calvário. Cerca de quatrocentos anos depois da morte de Cristo não havia, aparentemente, ninguém na Terra Santa que tivesse ouvido falar deste templo! Isto não implica necessariamente que ele não tenha existido, mas o halo de milagres e a atmosfera sobrenatural com que rodeia a cristandade moderna é grandemente mitológico. Semelhante a todas as outras religiões, a fé cristã acumulou uma coleção de fantásticas lendas que despertam a superstição e que são seus próprios inimigos, porque eles tomaram ao simples Nazareno- o homem que amava ao próximo - e construíram uma superestrutura de idolatria onde ninguém ama ao próximo e só serve a seu próprio fim.

Assim como Buda na Índia reformou os conceitos que se tinha sobre o Bramam em seus dias, Jesus deu nova forma à fé de Israel e deu a seus discípulos e ao mundo uma doutrina apoiada sobre o que tinha estado antes estabelecido, mas remodelada para enfrentar os problemas e necessidades de seu povo. Os essênios que educaram Jesus eram de origem egípcia ou hindu, e sua fé tomou o melhor que havia no passado. As lembranças preservadas são extremamente alegóricas, e o homem simples é submerso por eles em um imenso mar de supernaturalismo. Isto não foi feito inteiramente sem propósito, pois, assim como Shakespeare se utilizou da história para apresentar verdades essenciais, parece que, do mesmo modo, os historiadores de Jesus usaram o caráter do homem como

base fundamental de um grande drama. Ele é o herói de um relato sete vezes selado, e aqueles cristãos que estudam os símbolos podem conseguir com esse relato a chave dos verdadeiros Mistérios Cristãos. Então, eles compreenderão que a Escritura é a eterna história; que ela não pertence a nenhuma nação ou povo em particular, e que só é narração ou relato de todas as nações e de todos os povos.

É uma coisa maravilhosa, por exemplo, estudar a vida de Cristo à luz da astronomia, pois ele representa o sol, e seus discípulos os doze signos do zodíaco. Entre as constelações encontram-se as cenas de seu ministério, e na precessão dos equinócios o relato de seu nascimento, crescimento, plenitude e morte pelos homens. Por outra parte, revolvendo as substâncias químicas na retorta nos revelam simbolicamente a vida do Mestre, pois, com a chave da química a Escritura se converte em outro livro.

Neste livrinho em particular, vamos nos referir somente à relação que existe entre estas alegorias e o corpo humano.

Descobrimos que a vida de Cristo, como a encontramos nos Evangelhos, tem sido conformada artificiosamente até coincidir perfeitamente com as vidas de uma dúzia de salvadores da humanidade, porque todos eles são também mitos astronômicos e fisiológicos. Todos estes mitos nos chegam da mais remota antiguidade, em cuja época as raças primitivas utilizavam o corpo humano como a unidade simbólica, os deuses e demônios eram personificados nos órgãos e funções do corpo. Entre certos escritores cabalistas vemos que a Terra Santa era delineada sobre a base do corpo humano, e as diversas cidades se mostram como centros de consciência no homem.

Aqui se encontra um maravilhoso campo de estudo para aqueles que queiram investigar profunda e sinceramente os antigos Mistérios. Nós não esperamos esgotar o tema, mas se alguém obtiver com este livrinho a chave para seguir esta linha de pensamento e conseguir se interagir com ela terá aberto, ao final, um dos segredos do Livro Divino da Revelação.

PARTE II

OS TRÊS MUNDOS

De acordo com as Escolas de Mistérios o corpo humano está dividido em três grandes partes e, por analogia, o universo externo se diz que está composto de três mundos: céu, terra e inferno. O céu é o mundo superior e, por alguma razão desconhecida, se supõe que está acima, embora *Ingersoll* provou conclusivamente que devido à rotação da terra, acima e abaixo são sempre lugares mutáveis. Quase todas as religiões ensinam que Deus mora no céu. A seus seguidores lhes ensinam que Deus está sobre eles, por isso levantam suas mãos na oração e elevam seus olhos para o céu ao implorar ou pedir algo. Em alguns países se supõe que Deus mora no topo das montanhas, que são os lugares mais elevados do mundo. Em qualquer lugar que ele esteja e quem quer que seja, o lugar de sua morada está acima, de onde protege ao mundo de baixo.

Entre o céu acima e o inferno abaixo está a Terra, chamada pelos escandinavos de *Midgard*, ou jardim do meio. Está suspensa no espaço e constitui a morada dos homens e de outros seres viventes. Está conectada com o céu por um arco-íris que faz de ponte e pelo qual os deuses descem. Suas crateras vulcânicas e fissuras, diz-se que servem de conexão com o inferno, o lugar da escuridão e do esquecimento. Aqui, "entre os domínios do céu e da terra que dirige", como diz Goethe, existe a Natureza. A verde campina, os rios e o poderoso oceano, existem só no mundo médio, o qual é uma espécie de campo neutro, onde as hostes do bem e do mal liberam suas eternas batalhas do Armagedon.

Abaixo, em escuridão, chamas, torturas e sofrimentos, está o mundo de *Hel*, o qual nós interpretamos como inferno. É o mais baixo porque, certamente, assim como pensamos do céu como o de cima, fazemo-lo do inferno como o de baixo, enquanto que este lugar médio (Terra) parece ser como a linha divisória entre ambos. No inferno estão as forças do mal, as lágrimas, as profundas dores e os poderes destrutivos, os quais estão sempre produzindo aflição à Terra e lutando incansavelmente, para derrubar o trono dos deuses no céu.

Este sistema em sua totalidade é um mito anatômico, pois o mundo celestial dos antigos - o templo da justiça no topo da montanha - era o crânio com seu divino conteúdo, o lar dos deuses no homem e o denomina como sendo de cima porque ocupa o extremo norte da coluna vertebral humana.

Diz-se que o templo dos deuses que governam a Terra está no Polo Norte o qual é, mencionando-o de passagem, o lar de *Santa Claus (Papai Noel)*, porque o Polo Norte representa o lado positivo da coluna vertebral do "Senhor planetário". *Santa Claus*, saindo da chaminé, com seu raminho de sempre-viva (Árvore de Natal), na estação do ano quando a Natureza está morta, tem uma belíssima interpretação maçônica para aqueles que queiram estudá-la.

O mesmo se assemelha com respeito ao maná que descia para alimentar os Filhos de Israel no deserto, porque este maná é uma substância que desce pela medula espinhal do cérebro. Os hindus simbolizam a espinha dorsal como o caule do lótus sagrado; portanto, o crânio e seu conteúdo está simbolizado pela flor. A coluna vertebral é a escada de Jacó, conectando o céu com a Terra, enquanto que os trinta e três degraus são os graus da maçonaria e os anos de vida de Cristo. No alto destes degraus, o candidato sobe no plano da consciência para alcançar o templo da iniciação, que se acha colocado no topo da montanha. Neste lugar majestoso, com sua cúpula acima de tudo, com um buraco em seu piso é onde se dão as iniciações do grande mistério. As montanhas dos Himalaias com seus picos, representam os ombros e a parte superior do corpo. São as montanhas mais elevadas da Terra. Em alguma parte, sobre o topo mais alto, levanta-se o templo, descansando (como no céu dos gregos) sobre os ombros de Atlas. É interessante notar que a vértebra superior da coluna vertebral do homem é chamada atlas e sobre ela descansa a base do crânio. No cérebro há um número de cavidades e redondezas e nelas (segundo as lendas orientais) vivem os sábios - os iogues e ermitões. As cavernas dos iogues estão localizadas nos lugares próximos ao nascimento do rio Ganges. Toda religião tem seu rio sagrado. Para os cristãos é o Jordão; para os egípcios, o Nilo; e

para os hindus, o Ganges. O rio sagrado é o canal espinhal que corre entre os picos das montanhas. Os Santos, em seu retiro, representam os centros sensoriais do olho espiritual localizado no cérebro humano e são os sete adormecidos que devem permanecer na escuridão de suas cavernas até que o fogo espiritual os vitalize.

O cérebro é a habitação de cima a que se referem os Evangelhos, onde Jesus se encontrava com seus discípulos que representam as doze sinuosidades do cérebro. São estes doze locais do cérebro que enviam suas mensagens por meio dos nervos ao corpo que está abaixo para converter os Gentios, ou pregar o Evangelho a campo aberto. Estas doze sinuosidades se reúnem ao redor da abertura central do cérebro (o terceiro ventrículo), o qual é a santidade das santidades - o assento da misericórdia - onde, entre as estendidas asas dos Anjos, *Jeová* fala com o supremo Sacerdote e onde permanentemente, se manifesta a glória de *Shekinah*. É deste ponto, lugar do crânio que representa o Gólgota onde ascende o espírito. É um fato clarividente de que a alma não só deixa o corpo mas também entra nele pelo topo da cabeça, o qual provavelmente deu origem ao relato de *Santa Claus* e sua chaminé.

A Trindade no homem mora nas três grandes câmaras do corpo humano, das quais irradiam seu poder através dos três mundos. Estes centros são: o cérebro, o coração e o sistema de reprodução. Estas são as três câmaras principais da pirâmide e também, os lugares onde se dão as iniciações de Aprendiz, Companheiro e Mestre maçom, todos estes, graus da Loja maçônica Azul. Nestas três câmaras moram o Pai, o Filho e o Espírito Santo, os quais são simbolizados pela palavra de três letras: AUM. A transmutação, regeneração e desenvolvimento destes três grandes centros se produz pela repetição da Palavra Perdida a qual é o grande segredo da Ordem Maçônica. Dos nervos espinhais vêm impulsos e forças vitais que tornam isso possível. Portanto, ao maçom se adverte que deve ter cuidado com sua palavra, que significa "a medula óssea."

No cerebelo ou cérebro posterior - o qual tem a seu cargo o sistema motriz do corpo humano e é o único cérebro desenvolvido no animal, encontra-se o desenvolvimento de uma pequena árvore que, por sua forma arborescente, foi simbolizada como um ramo de acácia e como tal se refere a uma alegoria maçônica.

Os dois hemisférios do cérebro foram chamados pelos antigos de: Caim e Abel, e tem muito a ver com a lenda do castigo de Caim, que é literalmente o castigo pelo desequilíbrio. Porque Caim, matando o espírito de equilíbrio é enviado a vagar pela face da terra. O homem tem em seu poder um crânio muito notável que, originalmente, descansava sobre os ombros de um homicida. É de uma qualidade orgânica elevada, mas leva a maldição de Caim. Este indivíduo tinha ódio por alguém e o alimentava muito cuidadosamente. O alimentar um rancor, algumas vezes, sucede uma das coisas mais perigosas. Este indivíduo jurou que quando encontrasse certa pessoa, arrancar-lhe-ia o coração e o jogaria à cara. Passaram-se vários anos e seu ódio aumentava. Um dia, encontrou seu inimigo, atacou-o e cumpriu a ameaça. Foi enforcado pelo crime, mas o crânio, levando o testemunho de seu cérebro, revela um fato muito interessante: a metade direita do cérebro está sob o controle de Mercúrio - o planeta da inteligência - e como resultado de que o cruzam nervos na base do crânio, domina o lado esquerdo do corpo; a metade esquerda do cérebro, sob o controle de Marte - o espírito da ira e do impulso - governa o lado direito do corpo e do mesmo modo o forte braço direito. Como resultado de seu ódio e sendo governado por Marte, crescia esse ódio, então a parte posterior do lado esquerdo do cérebro chegou a ser justamente o dobro em volume que a do lado direito. O indivíduo permitiu que Marte controlasse sua natureza. A impetuosidade de Marte o governava e pagou com sua vida a maldição de Caim. A ciência sabe que há uma linha muito fina que separa a genialidade da insanidade; porque, qualquer vício ou virtude dominante, o homem os deve pagar com o desequilíbrio. A desarmonia sempre altera o nosso ponto de vista, e um ponto de vista errôneo sempre produz sofrimento.

No crânio se acha "o teclado dos computadores" que controla as atividades do corpo. Toda função do homem que tenha lugar do pescoço para baixo, tem seu controle de um centro de consciência do cérebro. A prova disto é que qualquer lesão produzida em determinados centros do cérebro, produz a paralisação de várias partes do corpo. A ciência médica sabe agora que a medula espinhal é uma

prolongação do cérebro, e alguns homens com autoridade científica afirmam que a medula é capaz de ter inteligência ao longo de todo seu percurso. Esta medula é a espada flamejante que se supõe está colocada verticalmente nos portais que fecham o Jardim do Éden. O Jardim do Éden é o crânio, dentro do qual há uma árvore que tem doze tipos de frutos.

O cérebro está cheio de câmaras abauladas e galerias, as quais têm sua correspondência nas abóbadas e arcos dos templos, sendo, indubitavelmente, o terceiro ventrículo a Câmara do Rei da Grande Pirâmide. A medula espinhal é a serpente dos antigos. Em alguns lugares da América Central e da América do Sul o Deus Salvador é chamado Quetzalcoatl. Seu nome significa: serpente emplumada, e este foi sempre seu símbolo. Esta é a serpente bronzeada levantada por Moisés no deserto. Os nove anéis da cauda da serpente são chamados de "o número do homem", e eles representam as vértebras sacras, em cujos centros se encontra o segredo da evolução humana.

Cada órgão do corpo físico está reproduzido no cérebro, onde está copiado pela lei da analogia. Há duas formas humanas embrionárias, uma masculina e outra feminina, entrelaçadas no cérebro. Estas são o Yin e Yang da China, os dragões branco e negro mordendo-se entre si. Uma destas figuras tem como órgão de expressão a glândula pineal e a outra, o corpo pituitário. Estas glândulas de secreção interna são dignas de consideração, pois elas são fatores de suma importância no desenvolvimento da consciência humana. Embora apareçam como não tendo nenhuma função não estão atrofiadas e como a Natureza não preserva nenhum órgão desnecessário, elas devem ter uma função muito importante. É conhecido que estas glândulas são maiores e mais ativas nas mentalidades com um alto grau de desenvolvimento e o contrário ocorre nas de desenvolvimento inferior; e em certos idiotas congênitos, elas são muito pequenas. Estas duas glândulas são chamadas a cabeça e a cauda do dragão da sabedoria. Elas são os polos de cobre e de zinco de um circuito elétrico, que têm ao corpo inteiro como uma bateria.

O corpo pituitário (que descansa na "cadeira turca" do osso esfenoide, diretamente detrás e um pouco abaixo da ponte do nariz, está conectado com o terceiro ventrículo por um fino canal chamado: infundíbulo) é o polo feminino ou centro negativo que tem a seu cargo a expressão da energia física. Sua atividade regula em alto grau o tamanho e peso do corpo. É também um termômetro que revela as desordens que houverem em qualquer das cadeias das glândulas internas. A endocrinologia (estudo das glândulas internas e suas secreções) está ainda em um estado embrionário, mas algum dia irá se revelar como uma das mais importantes das ciências médicas. No mundo antigo se conhecia o corpo pituitário pelos seguintes símbolos: a retorta dos alquimistas; a boca do dragão; a Virgem Maria; o Santo Graal; o quarto crescente lunar; o banho purificador; um dos querubins da Arca; a Isis do Egito, Radha da Índia e a boca do peixe. Pode ser muito bem chamado de: a esperança de glória do homem físico. No extremo oposto do terceiro ventrículo e um pouco mais acima, está a glândula pineal, a qual não deixa de semelhar-se a uma pinha (da qual toma seu nome).

Sr. Ernest Alfred Wallis Budge, cuidador das antiguidades egípcias no Museu Britânico menciona, em uma de suas obras, o costume egípcio de atar-se cones de pinhas sobre a cabeça. Declara que, nos cilindros de papiros, esses cones estão atados no alto da cabeça dos mortos quando têm que fazer-se presente diante de Osíris, senhor do mundo inferior. Indubitavelmente que este símbolo se refere à glândula pineal. Havia também um costume em certas tribos da África de atar pedaços de gordura sobre suas cabeças e deixá-los que se derretessem ao sol e lhes escorresse sobre o corpo, como parte de normas religiosas. É interessante observar que os Índios Americanos estavam acostumados a levar sua pluma - que originalmente era símbolo de seu Cristo - no mesmo lugar onde os monges cristãos raspam sua cabeça. Os hindus, ensinam que a glândula pineal é o terceiro olho, chamado o olho de *Dangma* (o que alcançou plena sabedoria). É chamado pelos budistas como o olho que tudo vê, e na cristandade se fala dele como o olho único.

Em épocas remotas a glândula pineal era um órgão de orientação pelo qual o homem conhecia o mundo espiritual, mas com a aparição dos sentidos materiais e os dois olhos objetivos, deixou de ser usado e, durante o tempo da raça lemuriana, retirou-se do lugar que atualmente ocupa no cérebro. Diz-se que as crianças têm, por volta dos sete anos um uso limitado do terceiro olho, em cujo tempo

os ossos do cérebro se desenvolvem em conjunto. Isto se relaciona com a condição semiclarividente das crianças que são, no campo psíquico, muito mais sensitivas que os adultos. Supõe-se que a glândula pineal secrete um azeite chamado de resina. Esta palavra parece estar relacionada com a origem dos Rosa-cruzes, que trabalhavam sobre as secreções da glândula pineal procurando a abertura do olho único, porque na Escritura se diz: "A luz do corpo é o olho; portanto, se seu olho se fizer único, o corpo todo será iluminado."

A glândula pineal é a cauda do dragão que em um dos extremos tem uma pequena protuberância parecida com um dedo. Esta glândula é chamada *Joseph* (José), porque é o pai do homem Divino. A protuberância semelhante a um dedo é chamada de *a vara de Deus*; algumas vezes de *a lança sagrada*. Seu contorno se assemelha a essas retortas que os alquimistas utilizavam para evaporar líquidos. É um órgão espiritual, destinado mais tarde a ser o que foi no começo, isto é, o elo de enlace entre o humano e o divino. O vibrante dedo no extremo desta glândula é a vara de Jesse e o cetro do alto Sacerdote. Alguns exercícios, como se dão nas escolas de Mistérios do ocidente e oriente, fazem vibrar este pequeno dedo, produzindo um som zumbindo no cérebro. Isto é algumas vezes muito penoso, especialmente quando o indivíduo que experimenta o fenômeno, o que ocorre na maioria dos casos, não sabe nada da experiência através da qual está passando.

No meio do cérebro e rodeado pelas circunvoluções, está o terceiro ventrículo, uma câmara abaulada, ao redor dela se sentam os três reis, três grandes centros de vida e força - o corpo pituitário, a glândula pineal e o tálamo ótico. Nesta câmara há também uma pequena semente como um grão de areia a qual está conectada com a arca do rei que se acha na Grande Pirâmide. Supõe-se que o terceiro ventrículo é a luminosidade da alma, e se diz que o aura que rodeia a cabeça dos Santos e sábios representa o resplendor dourado que irradia este terceiro ventrículo.

Entre os olhos e acima da raiz do nariz há uma dilatação no osso do crânio que é chamada de frontal. A ligeira curva produzida pela dilatação deste osso é conhecida em frenologia como o assento da individualidade. É este lugar onde se colocam as joias na frente dos Budas e é também deste ponto que a serpente se levanta da coroa dos antigos egípcios. Várias escolas de Mistérios ensinam que este é o resplendor da Divindade no corpo humano. Embora sua função se realiza por meio do sistema generativo, seu centro de consciência como uma parte do espírito do homem, está localizado em muito éter azul no centro frontal, chamado de *o véu de Isis*. Quando se estuda o corpo humano, clarividentemente, esse pequeno ponto aparece sempre como um centro ou ponto negro e não pode ser analisado.

O monte Palatino dos antigos, sobre o qual foram construídos os templos de Júpiter e Juno tem também seu lugar no corpo humano. A estrutura do osso do paladar é uma espécie de colina e acima do mesmo, em linha reta, estão as duas órbitas dos olhos, as quais são o Júpiter e Juno do mundo antigo.

A cruz certamente representa o corpo humano. Sua parte superior é a cabeça do homem, erguendo-se sobre a linha horizontal dos dois braços abertos. Como já o dissemos, as grandes Igrejas e catedrais do mundo foram construídas em forma de cruz e contêm (onde estaria a cabeça) o altar com suas velas acesas. Estas velas simbolizam os centros espirituais que se acham no cérebro e o costume de colocar uma janela sobre o altar sugere o delicado lugar que se acha na parte superior do crânio. O crânio - a habitação superior - é o *sanctum sanctorum* do Templo Maçônico e a ele só podem aspirar os puros.

O osso em forma de asa, que a ciência médica conhece como esfenoide, é o escaravelho egípcio levando em suas garras o corpo pituitário e tendo também, no alto, as cintilantes faíscas da imortalidade localizadas no frontal.

As mitologias antigas relatam que os deuses desciam do céu e andavam entre os homens, lhes instruindo nas artes e ciências. De maneira similar, os poderes divinos do homem, descem do mundo celestial de seu cérebro para levar a cabo a obra de construir e reconstruir as substâncias naturais, onde no final da evolução do corpo humano, este irá se dissolvendo lentamente retornando ao cérebro (que foi sua origem) até que não fique nada mais que sete centros globulares irradiando

sete sentidos de percepção perfeitos, que são os espíritos ante o trono e como salvadores são enviados ao mundo para redimi-lo por meio dos sete períodos de seu desenvolvimento.

O homem é uma planta invertida; nutre-se do sol como a planta o faz da terra. Assim como a vida da planta sobe por seu tronco para nutrir seus ramos e folhas, a vida do homem (arraigada no cérebro) desce para produzir o mesmo resultado. Esta descida é simbolizada pela vida dos salvadores, que baixam ao mundo para morrer pelos homens. Mais tarde, estas vidas retornam ao cérebro, onde elas glorificam o homem diante de todos os planos da criação. É suficiente já, como relato sobre o cérebro. Agora, consideraremos a outra parte maravilhosa do homem, a espinha dorsal.

PARTE III

A ESPINHA DORSAL

Conectando os dois mundos (acima o céu e abaixo a esfera da escuridão) está a espinha dorsal, uma cadeia de trinta e três segmentos, que protege em seu interior à medula espinhal. Esta escada de ossos é muito importante no simbolismo religioso dos antigos. Frequentemente, é menciona como um caminho ou escada em espiral. Algumas vezes é chamada de serpente, outras, a vara ou cetro.

Os hindus ensinam que há três distintos canais ou tubos no sistema espinhal. Chamados de *Ida*, *Pingala* e *Sushumna*. Estes canais conectam os centros inferiores generativos do corpo com o cérebro. Os gregos os simbolizavam pelo caduceu, ou bastão alado de Hermes. Este consistia em uma fortificação comprida (o Sushumna ao centro), que terminava em uma bolinha (que está no centro da medula oblongada). A cada lado desta bolinha estão as asas arqueadas, que se utilizavam para representar os dois lóbulos cerebrais. Acima deste bastão sobem, alternativamente e em forma de espiral, duas serpentes, uma negra e a outra branca. Estas representam *Ida* e *Pingala*.

Os antigos hindus têm uma lenda concernente à deusa *Kundalini*, na qual se diz que ela desceu do céu por meio de uma escada ou corda, a uma pequena ilha que se acha flutuando no imenso oceano. Relacionando isto com a embriologia, é evidente que a escada ou corda representa o cordão umbilical, e a ilha o plexo solar. Quando a escada é atalho e se desconecta do céu, a deusa foge aterrorizada a refugiar-se em uma caverna (o plexo sacro), onde ela se oculta totalmente à vista dos homens. Como *Amaterasu*, a deusa japonesa do Rosto Resplandecente, ela deve ser tirada de sua caverna pois, enquanto permanece aí e resiste a sair, o mundo estará na escuridão. *Kundalini*, é uma palavra sânscrita cujo significado é: "uma força serpentina, ou gás enroscado". Esta força, conforme declaram os sábios orientais, pode ser dirigida para cima através do canal espinhal central (*Sushumna*). Quando esta essência se encontra com o cérebro, abre o centro da consciência espiritual a percepção interna, levando com isso à iluminação espiritual. O sistema cultural pelo qual isso é possível é o ensino mais secreto dos Santos orientais, porque eles sabem que esta força serpentina ou enroscada não só leva à iluminação mas também, como a serpente é um símbolo, é mortalmente venenosa.

Conhecimentos superficiais ou fragmentos de ocultismo oriental estão chegando frequentemente ao mundo Ocidental, mas lamentamos dizê-lo, com eles vêm intermináveis sofrimentos e maldades, porque estas grandes verdades nas mãos de indivíduos incapazes de compreendê-las ou aplicá-las corretamente destroem a inteligência e a razão.

Ao longo da espinha dorsal há certo número de nervos, gânglios e plexos. Todos estes têm lugar no simbolismo religioso. Por exemplo, os antigos judeus chamavam o plexo sacro e ao gânglio coccígeo de cidades de Sodoma e Gomorra. Há um pequeno plexo na região dos rins chamado plexo sagitário, ao qual os antigos chamaram de cidade de Tarso, onde São Paulo lutou com as bestas. O ocultismo superior ensina que as flores de lótus (centros nervosos da espinha dorsal) são como polos negativos, que dão testemunho dos sete grandes centros positivos de consciência localizados no cérebro. Estes sete centros funcionam por meio dos outros centros que se acham na espinha dorsal na mesma forma, aproximadamente, em que os sete espíritos ante o trono funcionam por meio dos corpos planetários. O discípulo é advertido de não trabalhar com os centros que se acham na espinha dorsal, mas sim deve fazê-lo com os centros governantes - os centros do cérebro.

O caminhar errante dos Filhos de Israel no deserto, a peregrinação dos maometanos à Balance, as intermináveis peregrinações dos Santos hindus que passam a vida indo de um templo a outro, representam a peregrinação do fogo espiritual (*Kundalini*) através dos centros nervosos que se acham ao longo da espinha dorsal. Seguindo certas instruções particulares, a força é levada a estes centros, um após o outro até que, aos olhos clarividentes, estas áreas são convertidas em uma espécie de flores luminosas das quais emanam raios de luz semelhantes às pétalas. Cada um destes lótus têm diferentes números de pétalas de acordo com as ramificações nervosas que dependem dele.

Diz-se que o Logos, quando chegou o momento de criar o universo material, entrou em estado de profunda meditação concentrando o poder de seu pensamento nos sete centros, semelhantes a flores, dos sete mundos. Essa força vital, descendo gradualmente do cérebro (o qual era o grande mundo superior) e penetrando nas flores de lótus uma por uma deu nascimento aos mundos inferiores. Quando ao final, esse fogo espiritual penetrou no centro mais baixo, o mundo físico foi criado e seu fogo estava na base da espinha dorsal. Quando o mundo retornar a ele novamente e o Logos voltar a ser supremo em consciência, será porque retirou a vida destes sete centros, começando pelos inferiores até atingir o cérebro. Assim é o caminho de evolução de todas as coisas viventes: é elevar este fogo, cuja descida torna sua manifestação possível nestes mundos inferiores e cuja ascensão lhes porá outra vez em harmonia com os mundos superiores.

Este mito da força vital que desce e toma a seu cargo o governo dos mundos, encontra-se em todos os povos civilizados da terra. Hiram Abiff foi quem construiu o Templo Maçônico (os corpos), e que foi morto pelos três veículos que ele tinha formado. Tem sua similitude com o Cristo, morto pelos pecados do mundo.

Pelo fato de que este fogo espinhal é uma força enroscada, serpentina, em todas partes do mundo se usou a serpente para representar os salvadores do mundo. O uraeus (emblema de serpente) usado pelos sacerdotes egípcios era um símbolo de *Kundalini*, a sagrada cobra que quando foi elevada no deserto, salvou a todos aqueles que a contemplaram (Moisés e a serpente de bronze).

Assim como o cérebro é o centro do mundo divino, o plexo solar é o centro do mundo humano que, representando a semiconsciência, une a inconsciência de baixo com a consciência de cima. O homem é capaz de pensar com o cérebro, pois certa fase do pensamento é produzida pelos centros nervosos do plexo solar.

Porém, antes de ir mais adiante, será prudente descrever a diferença que há entre um médium e um clarividente. Para a maioria das pessoas não há nenhuma diferença mas, para o místico, estas duas fases estão separadas pelos limites das etapas totais na evolução humana.

Um clarividente é aquele que elevou ao cérebro a força espinhal serpentina e por seu desenvolvimento mereceu o direito de perceber os mundos invisíveis com a ajuda do terceiro olho, ou glândula pineal. Este órgão de consciência, que há milhões de anos conectava o homem com os mundos invisíveis, fechou-se durante o período lemuriano, quando os órgãos sensoriais começaram a desenvolverem-se. Os ocultistas, entretanto, pelo processo de desenvolvimento ao qual nos referimos antes, podem voltar a abrir este olho e por meio dele explorar os mundos invisíveis. O clarividente não nasce, faz-se. Os médiuns não se fazem, nascem. O clarividente pode chegar a sê-lo só depois de anos de vidas de autopreparação; por outro lado, o médium, sentando-se em uma habitação às escuras ou por outras práticas similares, pode obter certos resultados em muito poucos dias.

O médium usa o plexo solar como um espelho e em seus nervos sensitivos são refletidos quadros registrados nos éteres invisíveis. Através do baço (que é o portal do corpo etérico) o médium permite a entrada de inteligências desencarnadas, dando como resultado o ouvir vozes e outras manifestações psíquicas. A escritura automática se consegue permitindo ao braço etérico de uma inteligência estranha, o controle temporário do braço físico do médium. Isto não é possível até que o médium não tire seu duplo etérico do braço, pois duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. O resultado da separação periódica das forças vitais do braço físico é muito desastroso chegando, frequentemente, até à paralisia.

A mediunidade é antinatural para o homem, enquanto que a clarividência é o resultado natural do crescimento e desenvolvimento da natureza espiritual. Há cem médiuns para um clarividente, porque só pode chegar-se a ser clarividente pelo autodomínio e a prática de um tremendo poder; enquanto que o mais débil, o mais doente e mais nervoso dos indivíduos, resultará no melhor médium. O clarividente desenvolve sua mente através de benéficos conhecimentos e no entanto a primeira instrução que se dá ao que quer ser médium é: "Trate de deixar sua mente vazia."

A mediunidade, através do plexo solar, é um retrocesso e pode ser resumida como se segue: as almas-grupo que controlam o reino animal desempenham seus cargos produzindo imagens no plexo

solar, pois o animal não tem mente autoconsciente. Seu resultado é que em lugar de pensar com seu próprio cérebro, pensa com o cérebro da alma-grupo a quem está unido por invisíveis fios magnéticos. Estes fios conduzem suas impressões e as fotografias no sistema nervoso simpático. Não tendo vontade própria o animal é incapaz de combater seus próprios impulsos e, em consequência, obedece-os implicitamente. O homem se governa a si mesmo por meio do sistema cérebro espinhal, porque desenvolveu a individualidade e o sistema simpático já não o governa mais. Expondo-se aos impulsos que lhe chegam pelo plexo solar, o médium bloqueia seu próprio desenvolvimento não permitindo que o sistema nervoso cérebro espinhal controle seu destino.

O homem sempre se agradou em apoiar-se nas coisas externas. Não procurou enfrentar cada problema e resolvê-lo por si mesmo com o cérebro que Deus lhe deu. Por isso, busca o apoio dos mundos invisíveis, lhes pedindo ajuda para realizar a obra que deve ser concluída por seu próprio esforço.

Milhares de pessoas acabam participando da responsabilidade do médium, porque muitos deles seguem esse caminho devido ao desejo das pessoas de falar com seus parentes mortos ou ter informações reservadas sobre os valores da Bolsa. São estes seres pessoalmente responsáveis pelo dano que, por seu egoísmo, causam a outras pessoas.

A diferença portanto, entre a mediunidade e a clarividência se acha perto da metade da coluna vertebral. É a diferença entre o negativo e o positivo ou ainda, é a diferença que há entre a escuridão de uma habitação onde se realiza à meia-noite uma "sessão espírita" e a cerimônia ao meio dia em um templo.

Todos os órgãos que se encontram dentro do corpo humano têm sua significação religiosa. O coração, com suas câmaras é em si um templo ereto sobre a montanha do diafragma. O baço, com seu pequeno corpo em forma de sombrinha, concentra os raios solares e tem a seu cargo o corpo etérico. É este corpo etérico, enrolado dentro do baço, que injeta no sistema circulatório os corpúsculos brancos do sangue.

Nós sabemos que o corpo humano serviu de inspiração para quase todas as invenções mecânicas. As dobradiças foram copiadas do corpo humano; o mesmo com as maçanetas e a concha ou alvéolo que as contêm. Sabemos que a primeira instalação de encanamento foi reproduzida dos sistemas circulatórios arterial e venoso. Centenas de máquinas e implementos foram inspirados pelos sutis movimentos de nossos próprios veículos, porque o corpo humano é a mais fascinante máquina que se possa conceber e por isso a melhor que a mente humana possa estudar.

A estreita relação que existe entre o sistema generativo inferior e o cérebro na parte superior (porque o cérebro é um sistema generativo positivo) deve-se certamente à medula espinhal que os conecta. Em um momento determinado, certo número de pequenas portas que agora separam o cérebro do sistema generativo abrem-se e o *Sushumna* se converte em um túnel aberto e assim, cada impulso é levado imediatamente a ambos os extremos do corpo. É por esta razão que o candidato faz voto de castidade, já que a estreita conexão existente nos discípulos avançados entre o cérebro e o sistema reprodutivo, exige uma absoluta conservação de todas as energias vitais. As amídalas estão conectadas diretamente com o sistema generativo; na realidade, elas são parte de seu polo positivo formado pelo cérebro. O deplorável costume atual de vacinar e de cortar as amídalas das crianças logo que chegam ao mundo, produzirá em alguma época uma definida degeneração da raça. A maioria das amídalas se infectam pelo fato das crianças nos primeiros anos comerem muitos doces. O correto é não cortar as amídalas e sim suprimir os doces. A maior parte dos pais são responsáveis pela enfermidade de seus filhos, seja por sua ignorância ou por indulgência, pois permitem que a inocência infantil ainda não controlada pelos veículos superiores, destrua-os antes que a vida se expresse plenamente. Quando as crianças adoecem nos primeiros anos de vida o médico encontra habitualmente a causa do mal nos pais. Se o estômago se mantiver em condições adequadas, as amídalas se manterão também em boas condições. A absoluta economia demonstrada pela Natureza na construção de todas suas estruturas seria prova suficiente de que o Senhor não esteve perdendo seu tempo quando fez as amídalas e o apêndice. Ele teve sua razão para fazê-los, mas estes inofensivos órgãos converteram-se em uma mina de ouro para os médicos que os tira logo

na mais ligeira provocação. Nos diz que a posição vertical assumida pelo corpo humano, que força o conteúdo da região intestinal a percorrer parte do tempo costa acima, é a razão da existência do apêndice, que se perdeu nas criaturas de porte horizontal. Cada órgão não só tem seu propósito visível mas também, um invisível espiritual, e feliz do indivíduo que leva sua vida preservando intactos seus membros e partes anatômicas originais.

Quanto à dívida da ciência para com o corpo humano, devemos adicionar que o sistema decimal é o resultado do contar com os dedos do homem primitivo, onde o número dez se converteu na unidade de contagem. O antigo cotovelo foi também a distância entre o cotovelo e o extremo do segundo dedo, ou aproximadamente, dezoito polegadas. Assim acontece se retrocedermos no estudo das coisas, vemos que quase tudo com o que o homem se desenvolveu, é uma adaptação do corpo com o qual o espírito de Deus está envolto.

O homem vai conquistando, gradualmente, o controle não só dos órgãos de seu corpo mas também, de suas funções. A ciência estabelece que certos órgãos funcionam mecânica ou automaticamente, mas o ocultismo considera que não há nada mecânico no que se refere às funções do corpo humano. Tomemos o exemplo de um operário atirando uma pedaço de ferro entre as rodas e alavancas de uma máquina em perfeitas condições de movimento, então um chiado será ouvido e a máquina se estancará. Por outro lado, se atirar, figuradamente, uma chave inglesa dentro do corpo humano, este imediatamente começará o processo para eliminá-la. Circundará o elemento estranho com um envoltório e tratará de absorvê-lo. Se for impossível, tratará de expulsá-lo por algum canal adequado para esse propósito. Se estes meios fracassarem, em muitos casos o obstáculo será adaptado ao corpo e procurará seguir suas funções de algum modo. Isto demonstra, sem dúvida alguma, que as partes orgânicas do homem possuem certa forma inerente de inteligência; portanto, elas não são máquinas porque nenhuma invenção mecânica é capaz de ter inteligência.

Paracelso, o grande médico suíço, que depois de estar muitos anos no longínquo Oriente retornou à Suíça para ensinar medicina, foi o primeiro que deu ao mundo europeu seu conceito sobre os espíritos da Natureza. Ensinou que as funções da Natureza estavam sob o controle de pequenas criaturas, invisíveis para os sentidos normais mas que, trabalhando através dos reinos minerais, vegetais, animais e partes do corpo humano, mantinham a todos eles desenvolvendo-se de uma maneira inteligente, sob o controle da grande hierarquia celestial de Escorpião, que tem a seu cargo a construção dos corpos na Natureza, estes elementares são as inteligências invisíveis que governam o corpo humano e suas funções.

Como resultado da evolução da consciência do homem, este está adquirindo um controle mais completo das funções de seus diversos órgãos. Há duas classes de músculos - voluntários e involuntários - sendo a diferença que os músculos voluntários, que são controlados pela mente consciente do indivíduo têm suas fibras que percorrem de dois modos cruzando-se entre si, enquanto que os involuntários não têm fibras que os cruzem. O coração foi considerado um músculo involuntário, mas está começando agora a mostrar fibras cruzadas, prefigurando assim os dias em que o homem consciente e inteligentemente regulará os batimentos de seu próprio coração. O mesmo ocorrerá com todos os outros órgãos que sobrevivem às periódicas mudanças que vão tendo lugar na constituição do homem. Os Santos orientais podem, com todo êxito, viver sem que seu coração pulse; podem pará-lo e fazê-lo pulsar a sua vontade. Jogando a língua para trás e tampando assim a passagem do ar aos pulmões, podem permanecer por meses imóveis. Muitos *chelas* orientais fazem isto enquanto recebem iniciações espirituais fora do corpo físico. Registraram-se casos de Santos que foram enterrados vivos. Semanas mais tarde, ao ser desenterrados, verificou-se que o corpo estava seco como um couro. Jogaram-lhe água em cima e depois de um certo tempo o homem que não tinha respirado durante semanas levantou-se e começou a caminhar. Este é o resultado do extraordinário controle que a mente é capaz de realizar sobre as funções do corpo.

O ocultismo ensina que há todo um universo dentro do corpo humano; ele tem seus mundos, seus planos, deuses e deusas. Milhões de diminutas células são seus habitantes. Estas estão agrupadas em reino, nações e raças. Há células ósseas e células nervosas e milhões destas minúsculas criaturas agrupadas, transformam-se em uma coisa composta de muitas partes. O Governador Supremo e

Deus deste grande mundo é a consciência do homem que diz: "eu sou". Esta consciência toma seu universo e o leva até outra cidade. Cada vez que vai e vem pelas ruas, ela pega estas centenas de milhões de sistemas e os leva consigo, mas sendo tão infinitesimais o homem não pode compreender que eles são realmente mundos.

Igualmente, nós somos células individuais no corpo de uma criação que se move a si mesma através da infinidade, a uma velocidade desconhecida. Os sóis, as luas e estrelas são meramente ossos do grande esqueleto composto de todas as substâncias do universo. Nossas próprias minúsculas vidas são simplesmente partes dessa infinita vida que circula e palpita através das artérias e veias do espaço. Mas tudo isso é tão vasto que está além da compreensão deste pequeno "eu sou" em nós. Portanto, podemos dizer que ambos os extremos são igualmente incompreensíveis. Vivemos em um mundo médio, com infinita grandeza por um lado e infinita pequenez pelo outro. À medida que nosso desenvolvimento se amplia, também o faz nosso mundo, dando como resultado a compreensão cada vez maior de todas estas maravilhas.

PARTE IV

OS MUNDOS INFERNAIS

Na base da espinha dorsal está localizado o trono do Senhor da Forma, usualmente chamado *Jehová* e *Shiva*. O linga é seu símbolo. Cavalga o grande touro terrestre. Sua filha é a morte e a destruição, não sendo entretanto uma forma do mal. Constrói os corpos que nos dão poder para funcionar nos mundos inferiores. Ele os cristaliza por meio de linhas de força. A geometria é o esqueleto e todos os corpos que ele constrói são problemas geométricos, ângulos geométricos cristalizados em rochas e pedras. Gradualmente, a cristalização que traz corpos ao mundo se volta muito densa e não é capaz de responder às impressões sutis da consciência espiritual. Lentamente se converte em pedra, e a morte é o resultado da mesma causa que trouxe o corpo ao mundo. As primeiras raças da terra adoravam aos atributos procriativos da vida. Eles sentiam que a mais elevada expressão de vida era o poder de dar uma nova vida ao mundo. Portanto, o princípio doador de vida foi personificado em uma deidade doadora de vida a todas as coisas e que trazia para a manifestação a vida latente que não podia crescer ou desenvolver-se no mundo físico sem o veículo da substância densa.

Para o ocultista, o nascimento é morte e a morte é um despertar. Os místicos da antiguidade ensinavam que o ter nascido no mundo físico era entrar em uma tumba, porque nenhum outro plano da Natureza é tão desacorde, tão limitado como o mundo terrestre. O tempo e a distância eram as grades da prisão que encadeavam a alma em um estreito lugar. O calor e o frio atormentavam a alma, a idade a privava de suas faculdades e a vida do homem não era mais que uma preparação para a morte. Como a vida se vive à sombra da morte, eles ensinaram que é uma coisa oca, dourada para o olhar descuidado mas sem brilho e carcomida de vermes quando a examinamos atentamente. O corpo físico se convertia no sepulcro, a tumba, o cemitério no qual o espírito jazia esperando o dia da liberação quando, como uma faísca virginal, levantar-se-ia outra vez deixando a rota urna de barro. Portanto, em todas as religiões têm ao mundo inferior como um negro abismo, no qual *Yama*, de três cabeças, lançam as almas condenadas para que sofram no inferno de sua própria criação, porque é certo que cada raça elabora de sua própria natureza os demônios que a atormentam. Aqui Tufão, o deus egípcio da destruição com corpo de porco e cabeça de crocodilo, espera com a garganta aberta para devorar aqueles que não souberam aproveitar as oportunidades da vida em forma adequada. A maioria dos povos simbolizam o demônio com um corpo parte animal e parte homem, mora na natureza animal do homem e aqueles que são dominados por seus apetites, gostos e desgostos, ódios e temores não necessitam de outra condenação; construíram seu próprio inferno e já estão sofrendo suas torturas.

O sistema generativo está gradualmente sendo absorvido no cérebro e o homem gerará sua espécie no grande período vindouro ou ao menos formará seus próprios corpos por meio da laringe, que é o órgão da palavra falada. Um pequeno corpo etérico, que será mais tarde o órgão positivo da reprodução, está se construindo em forma gradual perto da laringe. Aqueles que sejam incapazes de levantar o fogo da medula espinhal, através do canal *Sushumna*, serão jogados em um reino lateral, semelhante ao dos símios atuais.

Supõe-se que o corpo físico está sob o controle da Lua que, como sabemos, governa todos os líquidos da Terra. A Lua foi a última encarnação do espírito da Terra e a raça humana passava pelo estado de consciência animal no corpo etérico do Senhor da Lua. Os espíritos lunares são chamados "antepassados" e são conhecidos pelos cristãos como *anjos*. Estes seres têm o controle dos poderes generativos do homem e do animal. A entidade que se encarna escolhe, frequentemente muitos anos antes, o veículo com que aparecerá no mundo. Diz-se que o germe etérico é colocado no corpo dos pais uns vinte anos antes de que a criança venha ao mundo. Isto é o resultado de sua busca do ambiente adequado a suas necessidades materiais e espirituais.

Certas escolas de ocultismo ensinaram que a consciência espiritual do homem não estava fixa em nenhum ponto do corpo, mas sim estava em qualquer das partes onde o homem mora com seus

pensamentos. Nós sabemos que há três mundos onde o homem pode morar. O primeiro é o mundo mental, onde pode viver rodeado de seus pensamentos, seus sonhos e suas aspirações. O segundo, é o mundo humano, onde ele pode ser um indivíduo dentro dessa grande classe média que pensa pouco, come pouco, dorme pouco e sofre incessantemente. Seu terceiro lar possível é um mundo animal, onde pode morar no meio de suas paixões, luxúria e ódios que queimam sua alma e consomem seu corpo. A história das raças primitivas mostram que elas se levantaram através desses estados até que, ao final, uns poucos se converteram em verdadeiras criaturas pensantes.

O sangue de cada homem é individual e cristalizado, forma desenhos geométricos que diferem em cada pessoa por isso, por meio da análise do sangue poderia se desenvolver um sistema muito mais seguro para a investigação de um crime do que os sistemas de *Bertillón* e da impressão digital. A história da alma humana está escrita em seu sangue. A posição que o homem ocupa na evolução, suas esperanças e seus temores estão impressos nas formas etéricas que fluem através de sua corrente sanguínea. Até que o sangue não entre no corpo, o espírito do homem não pode entrar nele; só permanece ao redor do corpo o que está unido por um fio de natureza elétrica. Estudando clarividentemente grilos, lagostas e outras pequenas criaturas, é possível observar impulsos que vêm desses pequenos globos que rondam sobre seus corpos, que demonstram seus movimentos e sentidos primitivos. Portanto, a diferença entre o vegetal e o animal está no sangue; consequentemente, certos peixes pequenos, moluscos, etc... são tecnicamente vegetais, embora não reconhecidos como tais pela ciência. O fígado é a chave do sangue. A cor vermelha da vestimenta de Lúcifer deriva-se da cor do sangue e a palavra Lúcifer significa "portador de luz" (ou calor) é um nome do sangue e por essa razão é o espírito da tentação. Nos Mistérios cristãos, a ferida do fígado de Cristo pela lança do centurião é um fato especialmente místico, assim também *Prometeu*, o amigo do homem, encadeado no pico do Monte Cáucaso, com o abutre que devorava seu fígado, é o mesmo mito expresso no simbolismo dos antigos gregos.

É interessante notar a relação que há entre as palavras *live* (vida) e *liver* (fígado), porque ter um fígado (*liver*) é viver (*to live*). Seguindo este detalhe, podemos notar que a palavra *live* soletrada ao reverso se converte em *evil* (mau) e a palavra *lived* (vivido) converte-se em *devil* (diabo). Esta peculiar relação não só se encontra em inglês mas também com ligeiras variantes em outros vários idiomas. Quando nos ocupamos disto, entretanto, ficamos envoltos no estudo Cabalístico, o qual é a análise do significado simbólico das palavras.

Vermelha é a cor do sangue e a chave do fígado e seu efeito sobre os animais é muito notável. Irrita, excita e em alguns casos realmente causa a loucura dos animais. Por isso se usa frequentemente na capa dos toureiros. O toureiro move sua capa frente ao touro e consegue irritá-lo. O uso de luz vermelha é comum na magia negra, os magos maus a usam para materializar espectros, no entanto a ciência médica já tem descoberto que é um forte irritante se aplicada ao corpo humano.

Durante a ira e o ódio, o aura astral do homem se vê envolto com vermelhas chamas parecidas com raios. Frequentemente a base da espinha dorsal brilha com uma luz vermelha escura, símbolo de ódio, paixão ou ira. Esta luz vermelha, brilhando na base da coluna vertebral, deu origem ao relato que se faz do fogo do inferno e da condenação mas os pregadores se esqueceram que eles levam consigo seus próprios infernos onde quer que vão.

Diz-se que o poder do vermelho é derivado da luz branca de Sol por meio do corpo de Samael, o espírito de Marte. Esta é a causa do resplendor vermelho no céu. Marte é o deus da guerra, da disputa, do ódio e da dissensão, foi a deidade regente do império romano, cujos soldados usavam vermelho em seus uniformes como símbolo de seu poder. Seguindo a Marte como guia conquistaram ao mundo e logo caíram sob as mesmas espadas com que eles tinham assassinado aos outros.

Assim como o vermelho é a cor do corpo, o amarelo é considerado a cor da alma. Por esta razão os Budas e os salvadores do mundo são representados com um halo ou auréola dourada que os rodeia. Esta luz é o hábito amarelo; também, é a luz que testemunha a escuridão, sobre a qual escreveu San Juan. Esta luz, fluindo do terceiro ventrículo, representa o *Shekinah* dos judeus que está sobre o propiciatório como um pacto entre Deus e o homem. O amarelo é vitalizador, um

doador de vida, por isso o Sol com seus raios dourados e sua personificação - o Cristo - são ambos doadores de vida. A falta de vitalidade pode ser tratada com êxito expondo o baço ao Sol.

O azul a mais elevada das três cores primárias, é a cor dada pelo Pai. É uma cor sedativa, que tranquiliza e de especial valor para o tratamento da demência e da obsessão. É difícil para os magos negros atuar com êxito em uma luz azul. Sua afinidade com a mente é muito evidente e se reúne como um mar elétrico na glândula pineal sendo um extrato de todas as qualidades espirituais da natureza humana. O núcleo azul de toda chama se diz que é o símbolo do Pai invisível, oculto no luminoso Sol. Nas palavras do Cristo: "Aquele que viu a Mim, viu ao Pai. Eu Sou no Pai e o Pai é em Mim."

É muito interessante o uso das cores nos símbolos. O dragão verde, que os heróis da mitologia geralmente matam, representa a Terra. A armadura branca é um corpo físico alvejado. O mago negro é escuridão e incerteza. Todas as cores têm um valor simbólico e grandes lições podem ser extraídas da aplicação destes valores no ocultismo.

Tratando o tema da fisiologia e anatomia oculta, devemos nos deter por um momento para dar crédito aos alquimistas e rosa-cruzes que, durante a Idade Média, encobriam o estudo da anatomia oculta apresentando os órgãos do corpo humano na forma de retorta e outros recipientes utilizados para sua alquimia. Um de seus grandes expoentes disse em resumo: "Nossa química não é como a que se conhece e onde se empregam os produtos químicos, mas sim a fazemos com certos recipientes secretos (órgãos internos) e substâncias químicas espirituais, que são invisíveis para o indivíduo comum. Nós não acreditamos na tortura dos elementos químicos, (combinando-os para formar gases, vapores ou massas ferventes) porque os produtos químicos, semelhantes ao homem, podem sofrer quando são combinados de forma inadequada".

O forno dos alquimistas era o corpo humano. O fogo que ardia nele estava na base da espinha dorsal. A chaminé era a medula espinhal, pela qual subiam os vapores para serem destilados no cérebro. Este foi um sistema secreto do longínquo Oriente, levado à Europa onde foi considerado por séculos a mais elevada forma de religião. Podemos chamar a estas verdades ocultas de: princípios da espiritualidade operativa, para distingui-las da moderna religião a qual está formada inteiramente de teorias especulativas. As pessoas não acreditam que a religião seja fisiológica, nem tão pouco que a salvação dependa inteiramente do uso científico dos elementos e forças internas de seus próprios corpos; mas a despeito de tudo isto, pode ser dito o contrário. Durante os próximos anos muito se fará para iluminar ao homem no que concerne ao trabalho secreto de seus próprios órgãos e membros.

É muito interessante notar a semelhança que existe entre as encarnações ou aparições no mundo do grande avatara *Vishnú* e as mudanças que têm lugar no embrião humano antes do nascimento. Isto nos levará ao nosso próximo tema: a embriologia oculta.

PARTE V

EMBRIOLOGIA OCULTA

O Grande Senhor *Vishnú* já veio nove vezes à Terra para salvação do homem. Falta seu décimo nascimento. Suas nove aparições têm um estreito paralelo com as nove principais mudanças que ocorrem no embrião humano, previamente ao nascimento. *Vishnú* nasceu primeiro, da boca de um peixe. Logo, nasceu do corpo de uma tartaruga. Mais tarde, teve sua aparição como javali, como leão e depois como mono. E finalmente, depois de ter outras novas mudanças, apareceu como homem. Eu notei, faz algum tempo, que um homem de ciência tinha confeccionado uma tabela mostrando a relação do cérebro humano com vários animais durante o período pré-natal. Seguia exatamente a lista das encarnações do *Vishnú*, embora era totalmente inconsciente de que estava unindo o ocultismo oriental com a embriologia Ocidental.

Quase todos os mitos da cosmogonia estão apoiados na embriologia. A formação do cosmos teve lugar na mesma forma em que o homem foi formado, só que em uma escala maior. Por exemplo, nos *Puranas* do *Vishnú* nos diz que a criação teve lugar dentro do ventre do *Meru*. O espaço estava rodeado de grandes montanhas e escarpadas rochas (o cório, ou membrana externa que envolve o feto). O universo foi criado da água e flutua em um grande mar (o fluido amniótico). Descendo uma escada (cordão umbilical) vieram os deuses. Quatro rios fluíam dentro da nova terra, como se diz no Gêneses. Estes são os vasos sanguíneos do cordão umbilical, assim segue o relato existindo uma correlação maravilhosa. Algum dia, possivelmente uma nova ciência poderá ser apoiada sobre a lei de analogia. Isso será uma contribuição muito maior do que as conclusões científicas e todas as especulações científicas da época.

É razoavelmente certo que o relato de Adão e Eva e o Paraíso está apoiado na embriologia e que o ventre é o original Paraíso. Simbolicamente é representado pelo O; o ponto no círculo é o germe primitivo e assim sucessivamente, se pode seguir a analogia até onde se queira. O ovo de Brahma é o relato do embrião cósmico e a embriologia é o estudo básico da criação.

Na embriologia temos também uma recapitulação muito interessante da passagem da raça humana através de várias espécies da Natureza. Encontramos em certo período as criaturas hiperbóreas. Em outra época, vemos o primitivo homem lemuriano, mais tarde o atlante e finalmente o ariano. Recomendamos a todos os estudantes de ocultismo fazer um estudo muito cuidadoso deste tema. A ciência sabe que toda a vida deste planeta veio da água. O embrião humano está rodeado de água durante todo o período primário de seu crescimento e nisto encontramos uma ilustração da evolução de todas as coisas. O sexo não apareceu na Terra até a terceira raça e não aparece no embrião até o terceiro mês.

A recapitulação do embrião humano através dos reinos inferiores da Natureza é uma das provas mais poderosas da evolução, já que determina em forma concludente que o homem não pôde ter sido feito originalmente em sua condição adulta. Em consequência, passou através de uma embriologia cósmica; de fato, na fase de embrião ele não nascerá realmente na raça humana até que seja verdadeiramente humano, depois dessa fase lemuriana que ocorreu em muitos milhares de anos, ele está atualmente na etapa de converter-se em homem.

Os nove meses do período pré-natal por séculos foram empregados simbolicamente. Nove é o número do homem, porque durante nove meses está o corpo em processo de preparação. O número perfeito se supõe que é o doze por isso, na época presente, o homem nasce três meses antes de ser terminado. O gradual desenvolvimento da raça humana trará como resultado o ser mais terminado durante o período pré-natal até que finalmente o nascimento seja o último e toda experiência e crescimento terá lugar no período embrionário.

O homem não nasce totalmente de uma vez. Podemos dizer que nasce por graus. A consciência trabalha fora do corpo, utilizando as substâncias plásticas até o momento de vivificá-lo, quando toma a seu cargo o veículo do interno e começa a modelar certa quantidade de individualidade de materiais que a rodeiam. No momento do nascimento, o corpo começa um processo de cristalização

e não se detém nem por um só instante até o momento da morte. O homem principia a morrer no momento de seu nascimento e o alcance da vida está determinado pelo tempo que esse processo requer. Ao sétimo ano, o corpo vital entra em ação e os períodos maiores de crescimento têm começo. É então que os pais principiam a ter dificuldades. É a época em que as crianças crescem como a erva, porque estão recapitulando suas existências de vegetal, e anteriormente eles recapitularam seu estado mineral. Perto do sétimo ano a criança começa a produzir essências vitais dentro de seu próprio corpo. Até essa época vive das forças secretadas nas glândulas internas da garganta, antes do nascimento. Em outras palavras, mantém-se a si mesmo com a vida que armazenou com os pais. Por volta dos sete anos de idade, começa a trabalhar para si mesmo, está em atividade minuto após minuto e se o jovem pudesse engarrafar sua energia e conservá-la para a velhice, viveríamos em um mundo maravilhoso.

Entre os doze e os quatorze anos, nas regiões moderadas, o fígado principia sua atividade; o corpo emocional nasceu. É durante estes dias da adolescência que o jovem enfrenta seus maiores problemas. A emoção corre desenfreadamente e a consciência está recapitulando suas existências animais. Manifestando a euforia juvenil é frequentemente a etapa dos grandes enganos. Maior número de vidas são obscurecidas ou inutilizadas entre os quatorze e os vinte e um anos; isto ocorre mais que em outro período da vida. Nota-se, especialmente entre as raças primitivas que foram postas em contato com nosso sistema educacional, que há uma mudança ao redor dos quatorze anos. Até essa época, estes jovens estiveram à frente de suas classes e tido uma posição brilhante mas, quando se apodera deles a natureza animal são um fracasso quanto à educação. Qualquer Mestre de escola que tenha educado jovens estrangeiros dará testemunho desta condição entre certas nacionalidades. O retardado é um exemplo da perda das funções mentais com o nascimento do corpo astral e há muitos destes exemplos. Durante estes dias de turbulência emocional, os pais devem dirigir a seus filhos com firmeza e bondade, se não aqueles mesmos jovens se voltarão algum dia contra seus pais e lhes culparão por ter arruinado suas vidas.

Entre os dezoito e os vinte e um anos, de acordo com as condições climáticas, o corpo mental toma o controle, dizemos que o indivíduo atingiu sua maioridade. Então, é permitido votar; o pai lhe dá de presente um relógio de ouro e o envia ao mundo em busca de fortuna. Possivelmente uma pessoa entre um milhão compreenda realmente porque se estabeleceu os vinte e um anos como a época da maioridade mas, todo ocultista conhece a razão. A consciência espiritual, o verdadeiro “eu sou" não toma posse de seus novos corpos até os vinte e um anos. Até esse momento está governado inteiramente pelos centros sensoriais inferiores, portanto, a vida progride em ciclos de sete anos.

Como exemplo, vemos que os vinte e oito anos assinalam o período do segundo nascimento físico; os trinta e cinco, o segundo nascimento vital ou, como é chamado, segundo desenvolvimento; os quarenta e dois, o período do segundo nascimento emocional. Durante estes anos, pessoas perfeitamente normal até então, muito frequentemente, tornam-se excessivamente sentimental. Os quarenta e nove marcam a aurora de um novo período de atividade mental, e os seguintes sete anos são a idade de ouro do pensamento. São os períodos da razão filosófica, os anos mais completos e que coroam a vida com sua plenitude e assim vão, ciclos após ciclos. Se o indivíduo durasse muito tempo, passaria por sua segunda, terceira e quarta infância.

Muito poucas pessoas compreendem e sabem realmente que eles estão compostos de elementos minerais, vegetais e animais. Os ossos são, literalmente, minerais; o cabelo é uma planta nutrida por ondas de éter vital que lhe chegam através da pele e em todo indivíduo há, em seu interior milhares de coisas que se arrastam, rastejam e sobem, fazendo de nós um zoológico exclusivo que nos pertence. Os antigos escandinavos, conhecendo isto perfeitamente, escreveram muitas lendas relativas a estas pequenas criaturas que vivem no homem. Uma famosa estátua do Pai Nilo, está coberta com pequenas figuras humanas as quais representam os atributos e funções do homem. O homem é um grande campo de estudo, mas fazemos muito pouco uso de nosso livro de texto. As Escrituras de todas as partes estão cheias de referências anatômicas de cidades e lugares que não têm nenhuma existência fora do homem. As doze portas da Cidade Santa são as doze aberturas do corpo humano. Assim também os doze Mestres da Sabedoria e as doze grandes escolas de filosofia.

Estas aberturas estão divididas em duas partes: de sete e de cinco. Há sete entradas visíveis e cinco ocultas no corpo humano.

Um dos filósofos gregos disse a seus discípulos que deviam recordar distintamente que havia seis aberturas que se dirigiam ao cérebro e somente uma dirigindo-se fora da cabeça humana e que era regida pelo estômago. Portanto, eles deviam escutar duas vezes (uma vez em cada ouvido), ver duas vezes (uma vez com cada olho), farejar duas vezes (uma vez em cada lado do nariz), mas falar só uma vez, e que o que falassem deveria vir do cérebro e não do estômago. A advertência ainda soa bem.

Os hebreus usavam a cabeça humana como um símbolo favorito para expressar os atributos divinos, chamando-a de Grande Face. Os dois olhos eram correlacionados ao Pai, porque eles eram os órgãos da consciência; as duas janelas do nariz com o Filho, porque eram os órgãos para sentir odores e também como veículos do prana, a força vital que se acha no éter. A boca foi usada para simbolizar o Espírito Santo, que emitia a palavra falada e dava forma ao mundo. As sete palavras as quais a boca deu origem eram os sete espíritos diante do trono; também são as taças e as trombetas da Revelação. Elas saíam como o exército da voz para a criação nos sete mundos, e toda a Natureza emanou de seu poder criador. Poucos realizam o magnífico simbolismo que oculta a cabeça humana e como foi utilizada nos relatos das Escrituras.

A este artigo adicionamos um artigo que foi publicado à parte há alguns anos, mas que não se tornou a publicar. O artigo mencionado tem uma conexão direta com o tema do simbolismo anatômico, mostrando como os princípios delineados nas páginas precedentes darão resultados se forem aplicados aos diferentes problemas do mundo atual.

PARTE VI

MAÇONARIA ESOTÉRICA

O estudante da Maçonaria mística se vê enfrentando com um problema que lhe apresenta sob diferentes nomes e sob muitos símbolos, mas que pode ser definido como a purificação, liberação do corpo e do espírito, do veneno da cristalização e da materialidade. Em outras palavras, ele está procurando resgatar a vida enterrada entre as ruínas de seu templo e restaurá-la em seu legítimo lugar como a nota chave de seu arco espiritual.

Estudando a Maçonaria antiga nos encontramos com as primeiras revelações que conhecemos como os Ensinamentos de Sabedoria. Semelhante a outros grandes mistérios, elas consistem em solucionar problemas da existência diária. Poderá parecer de muito pouco uso o estudo desses antigos símbolos abstratos, mas a seu tempo cada estudante compreenderá que as coisas que agora descartamos como sem valor, são as joias que algum dia serão necessárias. Como o centauro do zodíaco, o homem está eternamente esforçando-se em elevar a consciência humana do estado de animal; e na escada de três degraus da Maçonaria, encontramos os três grandes passos que são necessários para obter esta liberação. Estes três degraus são as três grandes divisões da consciência humana. Podemos sucintamente as definir como materialidade, intelectualidade e espiritualidade. Elas também representam a ação no degrau inferior, a emoção no centro e a mentalidade no superior. Todos os seres humanos estão fazendo esforço para atingir a Deus, subindo por estes três degraus que conduzem à liberação.

Quando unimos estas três manifestações em um harmonioso equilíbrio temos então o flamejante triângulo. Os antigos declararam que Deus, como o ponto no círculo, é incognoscível, mas que dão fé de sua existência através de suas três manifestações - o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O mesmo é certo com o homem. Deus em cada um de nós pode só manifestar-se por suas três manifestações; o Pai se manifesta por meio de nossos pensamentos, o Filho por meio de nossas emoções e o Espírito Santo por meio de nossas ações. Quando harmonizamos nossos pensamentos, desejos e ações, temos o triângulo equilátero. Quando as energias vitais purificadas do homem são irradiadas através dessas três manifestações, um aura ígneo se adiciona ao triângulo, em cujo centro está Deus - o incognoscível e impensável Um; é o *yod* ou a letra ígnea do alfabeto hebreu; o abismo que ninguém pode conhecer, mas do qual derivam todas as coisas. A vida deste desconhecido emana para fora através do triângulo que nos graus superiores está rodeado por um aura de chamas. O aura é a alma construída pelos transmutados pensamentos, ações e desejos - o eterno triângulo de Deus.

Entre os símbolos Maçônicos está a colmeia, chamada símbolo da indústria, porque ela demonstra, claramente, que o homem deve cooperar com seus semelhantes para obter o desenvolvimento mútuo de tudo. Também contém uma mensagem muito mais profunda, porque cada alma vivente é uma abelha que viaja pela vida e recolhe o pólen da sabedoria nos distintos ambientes e experiências da vida. Assim como a abelha bebe o mel do coração da flor, cada um de nós deve extrair o néctar espiritual de cada acontecimento, cada alegria, cada sofrimento e levá-lo a grande colmeia da experiência - o corpo e a alma do homem. Da mesma forma, as energias espirituais no homem tomam as forças vitais que ele está transmutando e as leva à colmeia do cérebro, onde é armazenado o mel ou o combustível necessário para a manutenção da vida.

Diz-se que os antigos deuses viviam de néctar e não tinham que comer ou beber como os outros homens. É realmente certo que o mel conseguido ou extraído através do enfrentamento dos problemas diários do viver, é o alimento mais elevado do homem. Enquanto comemos à mesa bem servida, seria bom considerar se o homem espiritual também se nutre e se desenvolve com as coisas que transmutamos em nossa própria vida.

Um filósofo da antiguidade disse que a abelha extrai o mel do pólen da flor e que a aranha, da mesma fonte extrai o veneno. O problema, então, que nos expõe, é: somos abelhas ou aranhas? Transformamos as experiências da vida em mel ou em veneno? Ajudam-nos a crescer e nos elevar, ou seguiremos, obstinadamente, dando coices em pontas de ferro?

Muita gente se volta azeda com a experiência, mas o sábio toma o mel e a armazena dentro da colmeia de sua própria natureza espiritual.

É bom também considerar “a saudação especial da garra do leão", um dos símbolos de iniciação mais antigos do mundo. Antigamente, o neófito em seu caminho para os templos de Mistérios do Egito, era no final, enterrado em um grande cofre de pedra destinado aos mortos para ser levado depois pelo Mestre, novamente à vida, em sua vestimenta de azul e ouro. Quando o candidato era erguido, o grande Mestre vestia em seus braços e mãos, como se fossem luvas, uma pele de leão e se dizia que o discípulo novamente despertado, tinha sido trazido à vida "pelas garras do leão". A letra hebreia *yod* (que se coloca no centro do triângulo e se usa, algumas vezes, como símbolo do espírito, por sua semelhança a uma chama) significa, de acordo com os cabalistas, uma mão estendida para frente. Nós entendemos isto, como simbolizando o espírito solar do homem, que se diz estar entronizado no signo de Leão, o leão da Judeia. E assim como o fruto dos campos e as sementeiras crescem e se desenvolvem pelos raios do sol, assim também, diz-se que a cristalização do homem é destruída e dissipada pela luz do sol espiritual, o qual levanta os mortos com seu poder e libera as forças vitais latentes. O espírito do homem, com seus olhos que veem na escuridão, está sempre esforçando-se por elevar a parte inferior de sua natureza para que se una com ele mesmo. Quando o homem inferior é desse modo elevado da materialidade pelos ideais superiores que desenvolveu dentro de si, diz-se que o espírito da luz e a verdade levantou o candidato, pela iniciação, com "a garra do leão".

Examinemos o símbolo dos dois "Juan", como o encontramos nos rituais Maçônicos. Juan (John, no original inglês) significa "carneiro" (em inglês: *ram*), e o carneiro é o símbolo das paixões e impulsos animais do homem. No Juan o Batista, vestido com peles de animais, essas paixões não foram transmutadas, enquanto que no Juan o Evangelista foram transmutadas, e os veículos e poderes que representam, converteram-se nos bem-amados discípulos do Cristo na vida do homem.

Nós ouvimos frequentemente, a expressão: “montar o cabrito", ou "agarrar-se à coluna ensaboada". Isto tem uma importância simbólica para aqueles que têm olhos para ver, porque quando o homem domina sua natureza animal inferior, pode se dizer honestamente, "que está cavalgando o cabrito"; e se não puder cavalgar o cabrito, não poderá entrar no templo da iniciação. A coluna ensaboada ao qual deve aferrar-se refere-se, indubitavelmente à coluna vertebral; e é somente quando o homem pode subir por essa coluna e chegar assim ao cérebro é que pode tomar os graus da franco-Maçonaria.

O tema da Palavra Perdida deve ser considerada como um problema individual. O homem em si isto é o verdadeiro princípio - pode ser chamado de Palavra Perdida; mas é melhor dizer que é certa coisa que irradia do homem que constitui a ordem reconhecida por todos os membros de sua comunidade.

Quando um homem, como arquiteto de seu templo abusa e destrói as energias vitais que estão dentro de si mesmo, então o construtor, depois de ter sido morto pelos três corpos inferiores, leva consigo à tumba onde jaz, a Palavra que é a prova de sua condição.

O abuso dos poderes físicos, mentais ou espirituais, dá como resultado a morte da energia e quando esta energia se perde, o homem perde com ela a palavra sagrada. Nossas vidas, pensamentos, desejos e ações, - são as triplas afirmações pelas quais um Mestre construtor conhece seus operários; e quando o estudante pede sua admissão à Câmara interna, deve apresentar à entrada do templo os créditos de um corpo purificado e uma mente equilibrada. Nenhum dinheiro pode comprar essa palavra; nenhum grau pode concedê-la. Mas, quando dentro de nós mesmos, o construtor morto é ressuscitado novamente, ele mesmo pronuncia a palavra e sobre a pedra filosofal erguida dentro de si mesmo se grava o nome vivificante do Divino.

Somente quando é ressuscitado este construtor, os símbolos da mortalidade podem ser substituídos pelos da imortalidade. Nossos corpos são as urnas que contêm as cinzas de Hiram, nossas vidas são as colunas quebradas, a cristalização é o ataúde e a desintegração é a cova aberta. Mas, acima de tudo, está o ramo de sempre-viva, prometendo vida aqueles que despertam o poder serpentino e mostrando que debaixo das ruínas do templo está sepultado o corpo do construtor que é

"revivido" quando liberamos a vida divina que está encerrada em nossas próprias naturezas materiais.

Há muitos destes maravilhosos símbolos Maçônicos que nos foram transmitidos do esquecido passado; símbolos cujos significados foram enterrados sob o manto da materialidade. O verdadeiro Maçom - o filho da luz - segue ansiando a liberação e o vazio trono do rei do Egito ainda aguarda o rei do Sol que fora morto. Todo mundo espera ainda que Balder o Formoso volte para a vida novamente, que o Cristo crucificado levante a lápide de pedra e se eleve da tumba da matéria, levando consigo sua própria tumba.

Quando o homem viver de modo que possa entender este maravilhoso problema, o grande olho ou centro de consciência será capaz de ver através do limpo cristal do corpo purificado. Os mistérios da verdadeira Maçonaria, por longo tempo ocultos ao profano, são então compreendidos e o novo Mestre revestido com seus mantos de azul e ouro segue o caminho dos imortais que ascenderam, degrau por degrau, a escada que conduz ao alto em direção às sete estrelas. Nas longínquas alturas, a Arca - o manancial de vida - flutua nas águas do esquecimento mas continua enviando sua mensagem para baixo ao homem inferior. Quando se alcança este ponto, a porta na "G" se fecha para sempre, porque o centro retornou ao círculo; o triplo corpo e o triplo espírito ficam unidos no selo eterno de Salomão. Então, a pedra angular que o construtor desprezou volta a ser o vértice do ângulo e o homem - a pedra culminante por longo tempo perdida no templo universal - volta a ocupar seu lugar.

As ocorrências da vida diária estão afinando nossos sentidos e desenvolvendo nossas faculdades. Estas são as ferramentas do artesão - o martelo, o cinzel e a régua - e com estas ferramentas autodesenvolvidas nós estamos lentamente devastando a pedra bruta ou cubo, no bloco polido para o templo universal. É só, então, que nos convertemos em iniciados da chama, porque somente nesse momento a luz substitui à escuridão. Assim como vagando pelas abauladas câmaras de nossa própria existência aprendemos o significado das arqueadas câmaras do templo, o ritual da iniciação ao desenvolver-se ante nossos olhos faz-nos reconhecer nele a recapitulação de nossa própria existência, o desenvolvimento de nossa consciência e o relato de nossa própria vida. Com este pensamento na mente seremos capazes de compreender não só por que os atlantes da antiguidade faziam o culto ao Sol nascente, mas também como o moderno Maçom simboliza este Sol como Hiram, o nobre de nascimento, quando ele sobe ao alto do templo colocando ali uma pedra de ouro, fazendo com que acorde à vida todas as coisas existentes no homem.